

Boletim do FMI

ECONOMIA MUNDIAL

Lagarde apela por acção urgente para que 2012 possa ser o “Ano da Convalescença”

Boletim digital do FMI
23 de Janeiro de 2012



Usina siderúrgica em Salzgitter, Alemanha. Europa precisa de impulsionar a competitividade e o crescimento de longo prazo, disse Lagarde em Berlim (foto: Fabian Bimmer/Newscom)

- A Europa necessita de um crescimento mais forte, mecanismos de isolamento mais abrangentes e integração mais profunda
- Estados Unidos, Japão e China devem também tomar medidas para fortalecer as suas economias
- O FMI quer aumentar a sua capacidade de financiamento em até USD 500 mil milhões

Christine Lagarde, Directora-Geral do FMI, apelou hoje à comunidade internacional que empreenda uma acção colectiva urgente visando salvar a economia mundial de uma espiral descendente.

“Quanto mais esperarmos, pior será a situação. A única solução é avançarmos juntos. O que está em jogo é o nosso futuro económico colectivo”, afirmou Lagarde num discurso proferido no Conselho Alemão de Relações Externas, em Berlim. “Desta perspectiva, 2012 tem de ser um ano de convalescença”.

A Sra. Lagarde definiu os elementos principais duma política para o futuro. Segundo ela, a Europa, que está no centro das preocupações mundiais, necessita de um crescimento mais forte, mecanismos de isolamento mais abrangentes e integração mais profunda, mas acrescentou que outras economias têm também um papel importante a desempenhar para restaurar um crescimento global equilibrado. No que concerne ao componente multilateral, Lagarde referiu que o FMI está a postos para ajudar e que está no processo de tentar aumentar os seus recursos de financiamento em até USD 500 mil milhões.

“Devemos todos estar cientes de que este é um momento decisivo. Não se trata de salvar um país ou uma região em particular. Trata-se de salvar o mundo de cair numa espiral económica descendente”, declarou.

O FMI estima que nos próximos anos poderá haver uma necessidade adicional de financiamento global de até USD 1 bilião, montante que o Fundo pode ajudar a cobrir com recursos adicionais de financiamento. “Um caminho de cooperação significa que todos os países devem trabalhar em conjunto com um diagnóstico comum e em direcção a uma solução comum”, disse Lagarde, acrescentando que o Fundo pode instigar este tipo de

cooperação por intermédio das suas análises e aconselhamento em matéria de políticas, para além de financiamentos sempre que necessário.

“Estou convicta de que precisamos reforçar a capacidade de financiamento do Fundo”, afirmou Lagarde, acrescentando que o objectivo é suplementar os recursos que a Europa irá disponibilizar, mas também responder às necessidades de outros países afectados pelas repercussões da crise em qualquer parte do mundo. Os países da zona Euro já se comprometeram a contribuir com até USD 200 mil milhões em novos financiamentos para o FMI.

Fazer face à crise na zona Euro

Os dirigentes dos 17 países da zona Euro já tomaram várias medidas importantes para conter a crise da dívida soberana que tem vindo a abalar a confiança nos mercados financeiros mundiais, afirmou Lagarde.

Entre algumas das mais importantes realizações cita-se a criação do Fundo Europeu de Estabilização Financeira (FEEF)/Mecanismo Europeu de Estabilidade (MEE), um acordo relativo a uma abordagem harmonizada para recapitalizar os bancos e a criação de um comité europeu do risco sistémico, reformas de governação para impor uma disciplina orçamental mais forte e eficaz, para além da decisão do Banco Central Europeu de ceder liquidez de longo prazo aos bancos.

“Estas importantes medidas devem ser reconhecidas. No entanto, não serei a primeira pessoa a argumentar que estas são parte, mas apenas parte, de uma solução abrangente”, afirmou.

Há três imperativos para o pleno restabelecimento da confiança: um crescimento mais forte, mecanismos de isolamento mais abrangentes e uma integração mais profunda.

Crescimento mais forte

Com a desaceleração acentuada da economia na zona Euro, a inflação encontra-se já numa trajectória descendente. Isto cria um elevado risco de queda a níveis muito inferiores à meta prevista para o próximo ano, aumentando os encargos da dívida e prejudicando ainda mais o crescimento. Por este motivo, será importante impor uma flexibilização monetária maior e mais atempada visando reduzir estes riscos, acrescentou Lagarde.

“Crescimento mais forte implica também tomar medidas para prevenir que os bancos entrem num processo de retrocesso, restringindo o crédito face à pressão dos mercados. As soluções devem centrar-se em elevar os níveis de capital — em oposição a restringir o acesso a crédito — como forma de aumentar os rácios de capital”, declarou.

No tocante à política orçamental, para vários países não resta outra alternativa para além de impor um firme e rápido rigor às suas finanças. “Mas isto não se aplica a todos”, acrescentou Lagarde. “Há um grande núcleo para o qual o ajustamento orçamental pode ser mais gradual”.

Igualmente de primordial importância são as reformas estruturais para lançar as bases necessárias para impulsionar a competitividade e o crescimento de longo prazo.

Mecanismos de isolamento mais abrangentes

Lagarde apelou também aos decisores políticos europeus para criarem mecanismos de isolamento mais abrangentes. Sem estes, países como a Itália e Espanha, que fundamentalmente têm condições de pagar a sua dívida, poderiam mergulhar numa crise de solvência devido aos custos de financiamento excepcionais — uma ocorrência que, advertiu, teria consequências desastrosas para a estabilidade sistémica. “Acrescentar um volume substancial de recursos efectivos ao que está actualmente disponível, integrando o FEEF ao MEE, aumentando desta forma a dimensão do MEE, e definir um cronograma claro e fiável para operacionalizá-lo seria muito positivo”, declarou.

Seria essencial o BCE empreender acções para prestar o apoio necessário à liquidez com o objectivo de estabilizar o financiamento dos bancos e os mercados de dívida soberana.

“Devemos também interromper o círculo vicioso dos bancos a prejudicarem os governos e dos governos a prejudicarem os bancos”, acrescentou. “Isto opera em ambos os sentidos. O fortalecimento dos bancos, incluindo a restauração de níveis adequados de capital, impede que estes prejudiquem os governos com mais endividamento ou passivos contingentes. E a restauração da confiança na dívida soberana ajuda os bancos, que são credores importantes e normalmente beneficiam de garantias explícitas ou implícitas dos governos”.

Integração mais profunda

Lagarde instou também a uma maior partilha de risco transfronteiriço no sistema bancário para quebrar o círculo de reacções negativas entre governos e bancos. “A curto prazo, um mecanismo pan-Euro com capacidade para adquirir participações directas em bancos ajudaria a romper este vínculo”, afirmou. É também necessária uma maior integração financeira na forma de supervisão unificada, uma autoridade única responsável pela resolução das crises bancárias e um fundo único de seguro de depósitos.

“A zona Euro carece ainda de uma maior integração orçamental — não é sustentável que dezassete políticas orçamentais completamente independentes coexistam paralelamente com uma política monetária única”, afirmou. O “pacto orçamental” que foi acordado na Cimeira de Líderes Europeus no início de Dezembro de 2011 deve ser complementado por algum tipo de mecanismo de partilha de risco orçamental. Estão disponíveis diversas opções de financiamento para apoiar esta partilha de risco, nomeadamente a criação de obrigações ou títulos da zona Euro ou, tal como proposto pelo Conselho de Assessores Económicos alemão, um fundo de resgate da dívida, declarou.

O resto do mundo deve fazer a sua parte

Embora a Europa se encontre no epicentro da crise actual, há outras economias que têm um papel importante a desempenhar para garantir uma melhor solução.

Os Estados Unidos, na qualidade de maior economia do mundo e centro do sistema financeiro global, têm uma responsabilidade especial, disse Lagarde. A Directora-Geral apelou aos decisores políticos dos EUA que aliviem o ónus da dívida dos agregados familiares por meio de programas que tornem sustentável a dívida hipotecária, e que tomem medidas decisivas para abater os défices futuros sem aniquilar a economia actual.

Como terceira maior economia mundial, o Japão deve também fazer a sua parte, executando um plano fiável para reduzir a dívida pública e levando a cabo reformas para incrementar o crescimento de longo prazo.

Lagarde apelou também aos países emergentes e avançados com grandes excedentes das contas correntes a estimularem a procura interna como forma de apoiar o crescimento global. A China, que tem as maiores reservas de divisas do mundo e conta com um grande excedente da conta corrente, é disto um exemplo. “A China pode ajudar-se a si própria e à economia global se continuar a transferir o crescimento das exportações e investimento para o consumo”, declarou.

Lagarde concluiu que, embora as perspectivas económicas continuem muito preocupantes, há saídas possíveis. “O mundo deve agora encontrar a determinação política para fazer o que sabe que tem de ser feito”.